

ROBERTO SCHWARZ

**QUE HORAS SÃO?
ENSAIOS**

3ª reimpressão



COMPANHIA DAS LETRAS

DUAS NOTAS SOBRE MACHADO DE ASSIS

*QUEM ME DIZ QUE ESTE PERSONAGEM
NÃO SEJA O BRASIL?*

A pergunta acima é de um contemporâneo de Machado de Assis, e refere-se a Pedro Rubião de Alvarenga, a figura central de *Quincas Borba*.¹ De fato, Rubião é ingênuo (mas não puro) no trato do dinheiro, da filosofia, do amor, da política, e um delírio de grandeza afinal lhe tira o juízo, o que pode ser visto como uma alegoria do Brasil, embora a alegoria não seja evidente. Outros autores, pelo contrário, criticaram em Machado a falta da intenção e do colorido nacional: seria um literato estrangeirado, sem interesse pelos problemas pátrios. Esta divergência veio até os nossos dias. Ainda recentemente ela causava polêmica na Câmara dos Deputados, em que se escolhia o patrono das letras brasileiras. José de Alencar, o festejado criador de vários romances indianistas, não seria mais nacional do que Machado de Assis? A opinião da crítica mais refinada (que a outros, no entanto, parece apenas mais elitista, além de também ela pouco nacional) vai em direção oposta: o romancista de *Quincas Borba* seria o mais profundamente brasileiro de nossos escritores.

(1) Araripe Júnior, "Sandices do ignaro Rubião", *Obra crítica*, Rio de Janeiro, MEC/Casa de Rui Barbosa, 1960, v. 2, p. 309.

O próprio Machado de Assis sentia o problema. Escrevendo logo após a voga indianista, e sendo contemporâneo do localismo romântico e mais tarde do descritivismo naturalista, procurou definir a sua posição num passo merecidamente célebre:

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e de seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. Um notável crítico da França, analisando há tempos um escritor escocês, Masson, com muito acerto dizia que do mesmo modo que se podia ser bretão sem falar sempre do tojo, assim Masson era bom escocês, sem dizer palavra do cardo, e explicava o dito acrescentando que havia nele um *scotticismo* interior, diverso e melhor do que se fora apenas superficial.²

A literatura de Machado de Assis seguramente apresenta um brasileiro desta espécie interior, que até certo ponto dispensa a cor local. Ocorre que se trata de um atributo difícil de precisar, e mais ainda de explicar.

Note-se que as singularidades evidentes do país — aquelas em que os patricios se reconhecem, com orgulho ou com riso — não estão ausentes do romance de Machado, a que entretanto elas não dão a tônica. Digamos sumariamente que em vez de *elementos* de identificação, Machado buscava *relações e formas*. A feição nacional destas é profunda, sem ser óbvia.

Assim, em *Quincas Borba* o leitor encontra alusões a episódios históricos importantes, particularidades regionais, observações sobre as belezas naturais do país, expressões populares, e uma boa galeria de tipos cariocas. Tudo porém com brevidade, sem a insistência dos romances históricos, re-

(2) Machado de Assis, "Instinto de nacionalidade", *Obra completa*, Rio de Janeiro, Aguilar, 1959, v. 3, p. 817.

gionalistas, urbanos, ou de mitificação nacional, que se especializavam na exploração de tais aspectos. Machado, que concorria com eles, não ia ficar atrás: dava provas ele também de maestria em cada um destes terrenos, mas ao mesmo tempo os relativizava. Tinha a modéstia de levar em conta os seus compatriotas, e, atrás dela, talvez o desígnio consciente de superá-los todos.³ Sem descuidar do pitoresco, tomava-o como ponto de passagem — sublinhadamente fortuito — para esferas mais significativas.

A crítica sentiu isto mesmo e se dividiu. A uns, a ironia no tratamento da cor local e de tudo que seja imediato pareceu uma desconsideração. Faltaria a Machado o amor de nossas coisas (natureza, questões sociais, nacionalidade).⁴ Outros saudaram nele o nosso primeiro escritor com preocupações universais (que lhes dava o sentimento de planarem acima do acanhamento local dos primeiros).⁵ Em favor dos segundos, note-se que o universalismo é de fato uma componente da literatura machadiana. Esta, entre outras fontes, se inspirava na psicologia dos moralistas franceses do século XVII, voltada para a natureza humana dita geral, e também na recente curiosidade “clínica” pelo funcionamento psíquico e pelos seus aspectos inconscientes.

Uma contra, outra a favor, as duas convicções registram

(3) Ver a respeito os parágrafos decisivos de Antonio Candido na sua *Formação da literatura brasileira*, São Paulo, Martins, 1959, v. 2, p. 117-8.

(4) “Machado de Assis em quase toda a sua obra para com o povo brasileiro tem sido um desdenhoso” (Silvio Romero, *Machado de Assis*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1897, p. 80).

(5) “Tem um quê de finamente literário, de elegante, de ático, que um bárbaro não pode perceber”: Lafayette Rodrigues Pereira defende a ironia isenta e superior de Machado contra as exigências provincianas de Silvio (*Vindiciae* (1890), Rio de Janeiro, José Olympio, 1940, p. 12). “Poeta ou prosador, ele não se preocupa senão da alma humana. Entre os nossos escritores, todos mais ou menos atentos ao pitoresco, aos aspectos exteriores das cousas, todos principalmente descritivos ou emotivos, e muitos resumindo na descrição toda a sua arte, só por isso secundária, apenas ele vai mais além e mais fundo, procurando, sob as aparências de fácil contemplação e igualmente fácil relato, descobrir a mesma essência das cousas. É outra das duas distinções, e talvez a mais relevante” (José Veríssimo, *História da literatura brasileira* (1916), Rio de Janeiro, José Olympio, 1954, p. 350). Noutros passos, a posição do crítico é diferente. Aliás, ao preço de alguma contradição, José Veríssimo antecipou grande parte do que os estudiosos diriam nos quase cem anos subseqüentes.

a posição *diminuída* que acompanha a notação local no romance de Machado, e concluem daí para a pouca importância dela. Ora, esta conclusão é seguramente um erro. A tal ponto, que há pouco se publicou um longo livro sociológico sobre as transformações do Brasil entre o Império e a República, inteiramente baseado no valor documentário destas notações.⁶ A evidência que se impõe é que Machado não só não era desatento, como era o mais atento de nossos escritores. Todavia, impressionado pela massa e pela precisão dos detalhes sociais que encontrou, o autor do mencionado estudo os tomou como *informação*, deixando em segundo plano a ironia que sempre os acompanha (e que sentiam muito bem os que insistiam no divórcio entre o escritor e sua circunstância imediata). Em conseqüência, o livro documenta cabalmente a amplitude e a fidelidade do trabalho de cronista de Machado — e neste item talvez encerre a polêmica — mas não analisa o seu espírito. Em suma, todas as posições devem-se reter: a notação local é numerosa e de primeira ordem, o que não impede que ela tenha algo de intencionalmente diminuído, sensível sobretudo em seu contraste escarminho com os assuntos ditos universais a que ela serve de matéria. *Longe de ser um defeito, veremos que esta conjunção desparelhada é um dos segredos da narrativa machadiana e de seu caráter nacional.*

Uma terceira corrente vê Machado sob o signo da dialética do local e do universal. Observa que ele foi mais longe que outros na transcrição do dado social, bem como no aproveitamento crítico da literatura brasileira anterior, o que paradoxalmente o levava a dispensar os apoios do pitoresco e do exotismo, e lhe permitia integrar sem servilismo os numerosos modelos estrangeiros de que se valia. Em conseqüência, é nosso primeiro romancista que se pode ler sem o desconto de simpatia devido ao compatriota, não sendo por isto menos nacional. A meu ver, esta é a concepção mais interessante, e é nela que se inspira o presente estudo.⁷

(6) Raymundo Faoro, *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*, São Paulo, Nacional, 1974.

(7) A formulação programática neste sentido deve-se ao próprio Machado de Assis, no citado ensaio sobre "O instinto de nacionalidade". José Veríssimo retoma os

Entretanto, há uma dialética também das posições dialéticas. O conflito entre localistas e universalistas ligava-se ao ciclo da independência política e da liquidação — longa no tempo — do complexo colonial. Era preciso diferenciar o país da ex-metrópole portuguesa, e também afirmar o seu estatuto de nação culta. Assim, uns insistiam na originalidade do Brasil, e outros no caráter ocidental de sua civilização. A dialética do local e do universal dá o balanço desta oposição, situando os termos inimigos no interior de um mesmo movimento de afirmação da identidade nacional, em que eles se complementam harmoniosamente.⁸

Ocorre que o concerto das nações civilizadas, de que aspirávamos fazer parte e a que esta dialética prometia conduzir, caiu em descrédito. Em lugar dele veio à primeira plana a história mundial do Capital, de que a colonização da América, o imperialismo de uns e a dependência econômica, política e cultural de outros, além da luta de classes, formam capítulos inseparáveis. A dialética de local, nacional, universal e categorias afins nem por isto fica sem propósito. Mas redefinem-se os seus termos, e desaparece a sua promessa de harmonização. Ou melhor, a harmonia deste sistema parece exigir e reproduzir desigualdades e alienações de toda espécie, numa escala inconcebível, de reparação difícil de imaginar. A esta luz, que vem dos anos 30, mas se impôs a uma parte maior dos brasileiros a partir de 1964, e que não será também a última, o passado ficou mais sombrio: em lugar da contribuição local à diversidade das culturas, vem à frente a história da má-formação nacional, como instância da marcha grotesca ou catastrófica do capital.⁹ (Assim, com as devidas mediações, as singularidades nacionais encontram o seu lugar numa história

termos e os aplica à obra de seu autor, fixando o lugar-comum, verdadeiro mas inespecífico, do romancista ao mesmo tempo nacional e universal. A posição será aprofundada por Lúcia Miguel-Pereira, em *Prosa de ficção* (1950), Rio de Janeiro, José Olympio, 1973, e por Antonio Candido em vários momentos de sua obra.

(8) Este movimento está historiado na *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido.

(9) Cf. Antonio Candido, "Literatura e subdesenvolvimento", *Argumento*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, n. 1, out. 1973.

mais ampla, já não como originalidade a cultivar, mas como situação *de facto* e desvantajosa no sistema internacional.) Nestas circunstâncias, a definição do caráter nacional de uma literatura ou de um escritor não fica também indene.

O horizonte de Machado não era este, já que o romancista militou assiduamente para a criação de uma cultura nacional. Mas tampouco era harmonioso. Levado pelo sentimento que tinha das coisas brasileiras e sintonizado com o *fin de siècle* europeu, Machado não olhava o dia seguinte com entusiasmo. Em sua obra, construção e destruição estão intimamente associadas. Uma impressionante pesquisa e invenção de formas nacionalmente autênticas acompanha-se da afirmação irônica (e enfática) de sua arbitrariedade. O romance de Machado participa da edificação da literatura brasileira, e também da destruição de formas a que as vanguardas em toda parte começavam a se dedicar, como parte da crise geral da cultura burguesa que se anunciava. Um movimento que dá conta da situação do próprio país, o qual procurava constituir-se em nação culta no momento em que a expansão imperialista abria a crise da nacionalidade e da civilização burguesa.

Em *Quincas Borba*, o leitor a todo momento encontra, lado a lado e bem distintos, o “local” e o “universal”. A Machado não interessava a sua *síntese*, mas a sua *disparidade*, a qual lhe parecia característica. Seria, para usar as suas palavras, um dos “assuntos que lhe oferecia a sua região”? Nesta convivência irreconciliada, em que se pode ver a cifra de uma situação histórica e cultural, os termos se ridicularizam reciprocamente. Aliás, a própria fixação enfática destes níveis, a ponto de se tornarem planos retóricos distintos, já é um recurso cômico, algo como um registro de alienação. Por exemplo, a comadre Angélica abriga em seu quintal de Barbacena uma numerosa bicharada, entre pássaros, cachorros, galinhas e vacas, além de um pavão. Entretanto, a despeito do pitoresco da figura, a motivação é perfeitamente clássica, e se poderia traduzir por uma tese de psicologia abstrata, segundo a qual ao dono o pavão interessa mais que as aflições do próximo. A tese é universal, mas a comadre é de Barbacena. A

graça do capítulo está no desnível, e não na harmonia, entre a generalidade da tese e o detalhe localista da personagem. Que sentido haveria em dizer que esta se universalizou? E se não cabe ver na comadre uma figura universal, talvez caiba dizer que a presença da universalidade num quintal de Barbacena configura uma incongruência, que faz rir — mas por quê? A Machado, que a construía meticulosamente, a incongruência pareceria significativa.

Uma por uma, boa parte destas disparidades é inocente, e todas são engraçadas. O conjunto no entanto é desolador. A profusão de vida que se enuncia na notação social não se dinamiza, pois o salto sistematicamente repetido à reflexão universalista lhe corta o movimento. Sendo muito mais abstrata — aí a disparidade — a reflexão não pode reter senão uma única linha, aliás arbitrária, da variedade de aspectos que a notação fixara. Esta é rebaixada a pretexto irrisório da reflexão, e privada da significação que estaria em seu próprio plano e prolongamento. Ou melhor, esta privação é exatamente o que Machado queria significar. Por outro lado, à luz da espessura mimética e da vitalidade da notação, a magreza da reflexão universalista desqualifica-se a si mesma enquanto arbitrariedade, desqualificação que é também o que Machado queria significar. A desqualificação é recíproca. Como o gordo e o magro do cinema, notação e reflexão formam uma dupla de comédia.

A impressão de vacuidade é poderosa e nítida. Não obstante, é difícil precisar-lhe a esfera, que não está designada. Sendo um princípio formal do romance de Machado, a transição seca entre a anedota local e sua retomada reflexiva, no plano do universal, exclui o recurso aos termos de síntese. Ora, é nestes que se recolheria a experiência do processo percorrido, mais geral que o estritamente local, e menos abstrato que o universal. Digamos que este processo está literariamente em ato, que ele *resulta* para a leitura, mas não recebe denominação nem é objeto de reflexão. Esta cabe ao leitor.

Noutras palavras, em nossa hipótese a brasilidade de Machado não reside em seu extraordinário trabalho de notação local, de que naturalmente depende, nem é anulada pelo dis-

curso universalista, que é um estrato importante de sua literatura. Estas duas dimensões, que são dados palpáveis, compõem-se (com mais outras) em fórmulas e formas que as relativizam, de que são a matéria dissonante, e que, elas sim, traduzem o "sentimento íntimo de seu tempo e país" a que Machado se refere.

Digamos que estas fórmulas e formas são a transcrição literária de aspectos reais, decisivos mas pouco evidentes, do processo nacional. Pelo assunto, os romances de Machado são ostensivamente arbitrário e fúteis. A sua composição, entretanto, fixa e explora regras, movimentos e apreciações a que a prática da vida brasileira obrigava. *Regras que não são comuns à humanidade inteira, nem mero acaso, mas necessidades da situação histórica nacional, como só uma larga reflexão as poderia colher.* No plano do assunto e da forma ostensiva, Machado se confinava à contingência caprichosa e fragmentária da crônica semanal do jornalista; no plano da forma latente, porém, o seu romance imita a necessidade estrutural do país. Configura, se é possível dizer assim, a nossa singularidade *lógica*.

LINHAS BIOGRÁFICAS
(PARA O LEITOR ESTRANGEIRO)

Machado de Assis nasceu em 1839, no Rio de Janeiro, pouco antes de se iniciar o longo reinado de D. Pedro II (1840-1889), de que seria o cronista. São decênios em que a capital e o país definem melhor as suas feições pós-coloniais (a Independência política é de 1822). Sendo Machado um escritor atento à cena contemporânea, convém lembrar ainda que nestes anos o capitalismo liberal chegava ao fastígio na Europa, e entrava em decadência.

Da infância de Machado pouco se sabe, além de que foi filho de gente humilde. Aos quinze anos, quando publica os seus primeiros versos, é aprendiz de tipógrafo. Mais tarde viverá do jornalismo, atividade em que fará camaradagem duradoura com figuras políticas e literárias eminentes. Entre-

tanto esta carreira lhe parece agitada e incerta, e aos vinte e sete ele a deixa por outra mais tranqüila: ingressa na burocracia, em que militará até a morte. Aos vinte e nove completa a sua estabilização burguesa, casando-se com a irmã de um poeta português amigo seu. Os manuais da posteridade guardam a imagem de uma felicidade conjugal sem falhas (embora em seus romances maduros, salvo no último, a visão do casamento seja atormentada e desabusada). Com o tempo veio a ser alto funcionário. Será ainda fundador e presidente da Academia Brasileira de Letras — calcada no modelo da Academia francesa. Foi possivelmente o maior escritor brasileiro, e com certeza o mais reconhecido e festejado em vida. Morreu no Rio de Janeiro em 1908, com grandes honras e discursos. Legava à posteridade, além de uma obra extraordinária, sua poltrona, sua mesa de trabalho e seu pincenê, que a Academia conserva por desejo seu. A *belle-époque* chegaria ao fim logo em seguida.

É costume da crítica sublinhar as dificuldades desta carreira brilhante: Machado tinha a cor escura e era filho de operário, ao que se acrescentavam uma leve gagueira e o mal epilético. Mais recentemente contudo a tendência dos estudiosos vai em direção oposta. Lembram que “Mestiços de origem humilde foram alguns homens representativos no nosso Império liberal”, e que a carreira de Machado afinal de contas foi antes plácida que movimentada.¹⁰

Esta divergência exemplifica uma dificuldade constante na apreciação do século XIX brasileiro e talvez latino-americano. Com efeito, se tomarmos a pobreza, a condição operária e a mestiçagem na acepção que têm na moderna sociedade de classes, Machado nos aparecerá como um exemplo notável do *self-made man*, que nenhum obstáculo pôde deter. Ocorre que em seu contexto efetivo estas noções tinham um significado bastante diverso.

Assim, o pai de Machado de Assis é operário pintor, mas qualquer assimilação ao proletário europeu seria um engano.

(10) Antonio Candido, “Esquema de Machado de Assis”, *Vários escritos*, São Paulo, Duas Cidades, 1970, p. 15.

Sua posição social define-se um pouco pelo mercado de trabalho, e muito pela ligação a uma família de proprietários, de que é dependente. Os homens nesta posição eram numerosos, e chamavam-se “agregados”. Neto de escravos da chácara do Livramento, filho de “pardos forros”, que viviam e serviam na mesma propriedade, o pai de Machado de Assis está numa posição intermediária. Tenta viver na cidade, por conta própria, mas volta a agregar-se à chácara do Livramento, onde casará com uma moça branca, dos Açores, igualmente agregada.

Noutras palavras, Machado era filho de operário, mas operário não era o que hoje imaginamos. Para ilustrar a diferença, considere-se que a madrinha do futuro escritor era a proprietária da chácara em que a família Assis vivia. Esta senhora era viúva do antigo Intendente do ouro no Rio de Janeiro, e casara-se em segundas núpcias com um senador e ministro do Império. Assim, os agregados estavam longe do que modernamente se entende por liberdade, mas estavam muito próximos das classes dominantes, e portanto de sua cultura. Outro detalhe sugestivo: na própria cerimônia em que a grande dama servia de madrinha ao pequeno Machado, o pai deste servia de padrinho no batismo de uma criança escrava da mesma propriedade. Em três gerações, o caminho percorrido pela família Assis fora grande, porém sem sair dos domínios da chácara: da escravidão à relativa respeitabilidade. Acresce que tanto a mãe quanto o pai de Machado de Assis sabiam ler e escrever, o que era excepcional.¹¹

Portanto, Machado era bisneto de escravos e filho de operário, mas não vinha do nada. Era afilhado de uma senhora ilustre, com quem talvez tivesse convivido bastante na infância; era residente em uma grande propriedade; além do que seus pais sabiam ler e escrever, e eram casados na Igreja, sinal também de respeitabilidade num país em que a ordem familiar não estava ainda muito estabelecida.

(11) Para uma pesquisa biográfica minuciosa, ver Jean-Michel Massa, *A juventude de Machado de Assis*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971, a que tomei emprestados os fatos e muitas das observações deste esboço.

Insistimos nestes dados para indicar que as distâncias e as estações da carreira social não eram as mesmas no Brasil e nos países de que nos vêm as construções sociológicas e romancescas que adotamos. A carreira do brasileiro pobre pouco tinha a ver com o modelo individualista ou “napoleônico”, cujo pressuposto é a ordem burguesa moderna, modelo que seria decisivo para o romance europeu, de Julien Sorel e Rastignac a Raskolnikoff. Se é verdade que a família Assis progredira muito, ficara sempre à sombra da proteção de uma grande propriedade. Machado naturalmente rompeu este vínculo de subordinação, aspecto de sua vida aliás que esconderia com cuidado. Em troca, reconheceu ao mesmo clientelismo — de importância imensa na vida brasileira — a dimensão contemporânea e problemática, livrando-o do enquadramento tradicionalista.

Ou melhor, é inexato dizer que Machado rompia com o paternalismo. Escapava, sim, à posição de agregado, em que a dependência pode ter feição bruta e humilhante. Colocado em posição menos má, o jovem escritor iria aplicar-se em civilizar e requintar as relações paternalistas. Queria limpá-las de seu aspecto autoritário e destrutivo, em que o protegido fica à mercê do protetor. Um aspecto que prejudica o protetor e o país — assim argumentavam os seus primeiros romances — ao privá-los das capacidades dos protegidos mais talentosos. E de fato Machado praticava o toma-lá-dá-cá do paternalismo com insuperável elegância, a qual foi logo reconhecida e admirada pelos contemporâneos bem-postos, que não cansavam de louvar a sua finura no trato. De certa forma, educavam-se com ele, que dependia deles.

Salyo uma exceção, a figura central dos primeiros romances de Machado são moças inteligentes e fortes, nascidas em situação modesta e dependente. Como resolver este “equivoco do nascimento”?¹² O protegido deve obediência a seu benfeitor? Ou será que não lhe deve obediência alguma, pois a criatura humana e o amor nasceram livres? Terá direito de cobiçar os luxos da gente rica? Não será melhor fugir-lhes, já

(12) Machado de Assis, *A mão e a luva*, *Obras completas op. cit.*, v. 1, p. 142.

que o acesso a eles depende do favor e portanto da dependência pessoal? Nas idas e vindas do conflito opõem-se os paternalismos “autoritário” e “esclarecido”. A superioridade deste último é evidente, e beneficia as duas partes interessadas: dando iniciativa e dignidade aos protegidos, poupa-lhes a humilhação da subserviência, e civiliza e enriquece a sociedade dos protetores. Machado de certo modo justificava uma aliança entre as pessoas proprietárias e os dependentes mais dotados.

Insistimos nestes livros porque o seu problema, obviamente biográfico, permite definir melhor a posição de Machado.¹³ A análise social que desenvolvem, sendo inteligente e vigorosa, não visava a transformação da ordem, mas o seu aperfeiçoamento, além de ser um modo de se fazer aceitar e admirar. Trata-se de uma perspectiva que hoje é pouco prezada: não reconhecemos força ou profundidade mental ao conformismo.

Para os contemporâneos, esta força era evidente, e não faltam os comentários ao talento do “Machadinho”. Este se salientava em toda parte e muito. Praticava a poesia, a crítica literária e teatral, publicava crônicas e contos, adaptava teatro do francês, escrevia peças próprias, recitava versos comemorativos, fazia parte do Conservatório Dramático, da Arcádia Fluminense, participava de campeonatos de xadrez, da diretoria do Club Beethoven, era freqüentador do teatro lírico, para o qual compôs libretos, foi candidato — sem querer — a deputado, traduzia e escrevia romances. Noutras palavras, participava em larguíssima escala na vida cultural nascente do Rio de Janeiro, num momento em que a criação ou existência de uma tal vida pareceria mais importante às pessoas do que a sua qualidade. O que hoje nos aparece pelo prisma do conformismo, na época seria como um esforço patriótico de civilização: era preciso que o jovem país adquirisse as instituições e disciplinas intelectuais que ainda lhe fal-

(13) Unidade temática e inspiração biográfica dos primeiros romances machadianos foram assinaladas por Lúcia Miguel-Pereira, *op. cit.*, p. 65-7.

tavam, o que por outro lado proporcionava ao moço escritor uma via de ascenso social.

Compreende-se assim a curiosa mescla de ambição pessoal, mérito patriótico e mediania artística que caracteriza a primeira fase da produção de Machado, a qual durou até os seus quarenta anos. A preocupação dominante é a *aquisição* de técnicas e formas, num sentido que está nos antípodas do que modernamente se entende por arte. Em lugar da intenção crítica, a aplicação do bom aluno, merecedora de aplausos. Entretanto, servida pela força incomum de Machado, esta mesma aplicação algo escolar já leva longe. Sem que os seus trabalhos tenham nunca a graça da liberdade artística, representam uma transcrição ampla, variada e elaborada das atitudes correntes do tempo — dentro dos limites impostos pela intenção edificante. Lêem-se com proveito, ainda que sem prazer. Assim, quando por volta dos quarenta o escritor acede à visão desabusada que passava a ser a sua marca de fábrica e faria dele um grande, dispunha com toda intimidade do universo mental de que passava a se rir.

Seria simpático, mas simplório, ver a transição da primeira à segunda fase — da literatura mediana à excelente — como a passagem do conformismo à crítica. Se em seu segundo período Machado é um escritor sem ilusões, capaz de percepções terríveis, não é na qualidade de crítico, mas na de homem que nada esconde. Em certa ocasião teria dito: “Tudo! meu amigo, tudo! Menos viver como um perpétuo empulhado!”¹⁴ frase que define bem o seu novo compromisso com a verdade. Do ponto de vista social, esta evolução se prende à ascensão social de Machado, que se completara. Depois de encarar a sociedade brasileira pelo ângulo do dependente pobre, que brilha pelo discernimento com que sabe manifestar o seu apreço pela ordem, desdobrando talento a fim de ser reconhecido e cooptado pela elite dirigente, o escritor iria encarar a mesma sociedade pelo ângulo de quem está instalado. Chegava a hora de relativizar o que já havia obtido. Em lugar da visão positiva, a visão desabusada, cujo propósito não é de

(14) Araripe Júnior, “Machado de Assis”, *Obra crítica* cit., v. 4, p. 282.

criticar, mas de conferir o brilho e a tranqüilidade da inteligência sem peias: a compreensão da mecânica social é como que uma consolação para a falta de sentido desta e para os seus horrores. Ainda aqui Machado fazia trabalho civilizador, pois o seu pessimismo dava dignidade e equilíbrio ao sentimento de impasse em que se debatiam as nossas elites liberais, escravocratas e paternalistas. Uma arte nihilista mas não maldita.

Entre 1880 e 1906 Machado escreveu cinco romances e dezenas de contos que fizeram dele um escritor de primeira ordem. É uma obra em que o Brasil está retratado em profundidade. Entretanto, é fato que estes livros não são a representação direta de nenhuma das grandes correntes ideológicas que agitavam o momento. Não são adeptos da filosofia determinista (nem positivistas, nem darwinistas, nem monistas etc.), não são abolicionistas (a abolição da escravatura é de 88), não são republicanos (a República é de 89), e não se curvam à escola literária triunfante do Naturalismo. E o que é pior, tratam de todos estes assuntos — de uns mais, de outros menos — sempre com ironia. Uma distância que os contemporâneos notavam, para lamentar ou para achá-la insuportável, nunca para aprová-la, mas que estranhamente não os impediu de reconhecer a primazia ao escritor. Passados os anos, esta distância aparece como a expressão mesma de sua superioridade, da afinidade profunda de Machado com o processo brasileiro. Não será a solução para nossos males, mas dá-nos o espetáculo indispensável e talvez único em nossas letras de um espírito sem prevenções e verdadeiramente independente (num homem respeitoso da convenção exterior).